

DAVE Brubeck: bom humor e muitas histórias.
18 mar. 1978.

Jornal da Tarde, São Paulo,

ESTRÉIA



Brubeck

Dave Brubeck: bom humor e muitas histórias.

E esse mesmo bom humor se estende aos três filhos que, com ele, formam o novo Quarteto Brubeck. Em São Paulo, mais 4 sessões.

Jornal da Tarde
18.3.78

Dave Brubeck não é apenas um dos mais importantes músicos de jazz. É, também, um músico extremamente simpático, acessível, bem-humorado e comunicativo. Foi assim, bastante despojado, que ele se revelou aos jornalistas que o entrevistaram na noite de quinta-feira, em São Paulo, no mesmo dia em que chegou ao Brasil. Dave Brubeck veio de Campinas (onde estreou ontem, nessa primeira turnê brasileira) especialmente para a entrevista. Não perdeu o humor por ter que fazer uma viagem de quatro horas — contando o retorno — apenas para conceder uma entrevista. Durante quase duas horas, Dave Brubeck conversou animadamente, apresentou seus quatro filhos (três tocam com ele) e a esposa e acabou dando uma “canja”, tocando Take Five no piano do Ta Matete. Não foi apenas uma coletiva. Foi um miniespetáculo.

Dave Brubeck estréia hoje, às 21h, no Palácio das Convenções do Anhembi com a Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas acompanhando o seu New Quartet. O mesmo espetáculo terá mais três repetições. Amanhã, às 21h, também no Anhembi. Segunda e terça, às 21 horas, no Teatro Municipal. De sua temporada brasileira, estas serão as únicas apresentações junto com uma sinfônica. No Rio e nas outras cidades, o concerto será apenas com o Quarteto. Para o Anhembi, ainda há ingressos à venda por Cr\$ 100,00 (os últimos da galeria), Cr\$ 150,00 (os da frente, na galeria), Cr\$ 200,00 (setor II) e Cr\$ 250,00 (setor D). Para as apresentações do Municipal os ingressos custam Cr\$ 300,00 (poltrona) e Cr\$ 50,00 (anfiteatro).

Havia sido anunciado que, nos concertos paulistanos, Dave Brubeck apresentaria sua peça La Fiesta de La Posada, que representava sua nova fase de compor para quarteto de jazz e orquestra sinfônica. Só que, por ser uma cantata de natal, exige a presença de um

coral. Assim, a peça não será apresentada. O programa, então, terá cinco excertos de peças que Dave escreveu para quarteto e sinfônica. Haverá trechos de Delight in Wilderness, trechos de três oratórios e, também com a sinfônica, uma homenagem a Duke Ellington, “meu músico de jazz favorito”, com “The Duke”. A segunda parte do programa terá a presença apenas do quarteto que é formado por Dave e seus três filhos, Chris (baixo e trombone), Darius (sintetizadores e teclados elétricos) e Dan (bateria). Nessa parte, o repertório é mais aberto mas eles avisam que tocarão o Brandenburg Gates por completo, sem falar da famosa When The Saints Go Marching In.

O quarteto que Dave formou com os filhos representa uma aproximação ao jazz eletrônico. Chris chega a dizer que agora o quarteto toca de tudo, acrescentando um quantitativo “mais” a jazz, rock, “popular”. A família se reúne no palco há mais de quatro anos, quando cada um deles tinha o seu próprio conjunto. Dave tocava com Gerry Mulligan. Chris tinha uma banda de rock (até gravou discos que nunca chegaram ao Brasil), Darius tinha uma banda de jazz e Dan também tinha o seu grupo jazzístico. Assim, onde se apresentava Dave Brubeck, havia espaço para os conjuntos dos filhos. Até que os empresários começaram a achar que era muita gente, dificultando as apresentações ao vivo. E aconteceu uma seleção natural. Houve, então, um afinilamento e, no final, sobraram os quatro Brubeck. Mas ele faz questão de dizer que estão juntos não porque são parentes mas porque compartilham o mesmo ideal musical.

Chris ainda tem cara de rockeiro, cabelos longos e muito agitado. É o mais falante dos seis membros da família Brubeck. Quando começa a conversar com os repórteres, ele se

sente incomodado com a música ambiente e pergunta se não é possível “to kill that music”. É possível e o clima fica ainda mais tranquilo. Darius acha muito engraçada a pronúncia portuguesa de “sintetizadores”. Dave acha que essa pronúncia ainda é pior que a inglesa. Darius já gravou um disco com as músicas de Charles Chaplin (e foi lançado no Brasil). Dan, o baterista é o mais calado. O caçula da família toca piano e cello, mas ainda não é profissional. Nos seus 17 anos, ainda tem que ir à escola. A mãe, Iola Brubeck, também escreve as letras para os oratórios que Dave compõe. “Iola — conta Dave — é um nome indígena, da tribo Mudoc, da Califórnia.” Só o nome é indígena. Iola procura na Bíblia trechos para transformar em versos os oratórios. O filho Chris interrompe para dizer que na Bíblia há muitos trechos marcadamente “radical left wing”. Com isso, ele quis deixar bem claro que a composição não tem interesse apenas religioso.

Dave e toda a família ficam muito satisfeitos quando alguém informa que o pianista João Carlos Martins está nas proximidades. “Ah, chamem o João para vir para cá” exclamam todos eles, contentes. E contam como conheceram o pianista, do acidente que ele sofreu em Nova York, afetando-lhe a mão e fazem uma verdadeira festa com a chegada do músico brasileiro. O clima é tão informal que os Brubeck pegam os instrumentos dos músicos do bar do Ta Matete e improvisam uma sessão bem humorada. E encerram a entrevista porque havia trabalho a ser feito, era preciso ensaiar com a sinfônica. O primeiro ensaio da sinfônica com o regente Russell Floyd, na tarde de quinta-feira, foi considerado ótimo. Ontem de manhã, haveria o primeiro encontro dos Brubeck com a sinfônica. Ensaios durante todo o dia e estréia à noite, no Castro Mendes de Campinas. O sucesso é um resultado inevitável.